

# Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



## Capítulo III



### ***Abbaye des Gardiens ~ Província de Auvergne ~ Centro da França***

A Abadia de Gardens era um mosteiro murado situado numa grande colina rochosa que se erguia sobre as terras selvagens do centro da França. Sob a Abadia, um elaborado labirinto de catacumbas serpenteava pelas entranhas da colina. Frei Ivan Gogu, o mais velho entre os irmãos mendicantes de Gardiens, assumira a responsabilidade pelas catacumbas com sua chegada à Abadia mais de uma década antes; e nesse período, o vasto sepulcro se tornara uma espécie de penitência pétrea que pesava em seu coração. Sua túnica grosseira sussurrava nos corredores sinuosos enquanto ele se apressava, mantendo-se sempre reto e descendo cada vez mais fundo. A maioria dos frades raramente se aventurava a tamanha profundidade — a escassa fileira de tochas secas incrustadas nas paredes de pedra revelava a ausência de O canal subterrâneo não possuía vasos ramificados e a artéria oca mergulhava na terra como uma estrada de tijolos negros rumo ao inferno.

O som dos passos de Ivan, com suas sandálias, ecoava abafado, sem reverberar contra as paredes de pedra áspera e talhada. Em sua descida, o ar tornou-se denso, frio e viciado — o odor pungente de ferrugem e pedra úmida pairava pesado no ar.

a passagem sempre descendente. Paredes de pedra estreitas convergiam cada vez mais à medida que o caminho se tornava mais íngreme e estreito. Sua tocha revelou mais do chão agora úmido da passagem, coberto de condensação. Com uma tocha em uma mão e os dedos da outra percorrendo a parede oposta, Ivan diminuiu o passo, dando uma série de passos cada vez mais curtos e cuidadosos para evitar escorregar no caminho de granito reluzente.

O único propósito do túnel subterrâneo era acessar uma nascente de água doce subterrânea e fornecer um suprimento de água pura e abundante para as catacumbas da Abadia, mesmo para uso ocasional. As temporadas mais exigentes da vinificação. Para esse fim, e extremamente fundo sob a encosta ensolarada, o túnel dava para uma cavidade aberta e cavernosa de pedras irregulares e superfícies lisas desgastadas por séculos de erosão natural. Por fim, o caminho da tocha não encontrou nada para iluminar. Os monges Gardiens chamavam este lugar escuro e remoto de Poço. Uma profunda trincheira revestida de pedra dividia a cavidade, canalizando uma nascente subterrânea rápida, porém silenciosa.

Da escuridão do Poço, um gemido ecoou pelo túnel. A voz era de uma criança, mas o grito assombrado lamentava a dor de uma vida inteira de sofrimento. Outro soluço escapou, mas caiu sufocado, como se tristeza e orgulho travassem uma guerra incessante dentro de um peito torturado e lastimoso. Respirações ofegantes seguiram os soluços sufocados, depois silêncio — depois outra explosão de dor. O ciclo se repetiu, ecoando na escuridão. Era o lamento de um rei vencido e o pranto de uma viúva aflita, entrelaçados em uma só canção.

“Lázaro?”

O choro cessou.

“Lázaro? Você está aí?”

“Estou aqui, frade. Estou enchendo o balde.”

A escuridão total cedeu à luz de uma tocha crepitante que o monge segurava ao entrar na cavidade. Ele era alto, com costas largas e peito profundo, e a tristeza em seus olhos azuis profundos contradiziam o sorriso jovial em seus lábios. A cabeleira prateada bem cuidada, que coroava sua cabeça como a auréola caída de um anjo, complementava sua barba grisalha, limpa e curta. Um menino severamente corcunda emergiu da fonte, com um balde cheio de água a seus pés. Ele vestia uma túnica semelhante à do frade, feita de tecido rústico, porém com um capuz profundo puxado sobre a cabeça. Uma máscara — um capuz do mesmo tecido — cobria o rosto da criança. Havia dois orifícios circulares onde poderiam ter estado os olhos, e uma pequena aba de tecido cobria a boca. A cobertura suja lembrava a máscara de um leproso com um capuz de monge drapeado sobre ela. O menino era um aprendiz, mas seus aposentos não ficavam acima do solo, como os da outra Abadia.

Em vez disso, Lázaro vivia abaixo dos terrenos da Abadia, dentro das catacumbas, em um quarto pitoresco que Frei Ivan lhe havia reservado, repleto de uma cama rudimentar e cobertores grossos. Embora tivesse treze anos, sua estatura franzina e membros finos o faziam parecer muito mais jovem. Desconhecido por todos os moradores da Abadia, exceto por ele próprio e pelos frades Ivan e Odino, Lázaro era um Gogu — o filho bastardo de Ivan Gogu.

“O que te aflige, filho?”

“Nada, senhor. Já tenho água.”

“Você está chorando, Lázaro?” O menino pressionou os dedos contra o rosto e o pano sob as órbitas oculares escureceu com a umidade.

“O capuz escorrega e eu não consigo ver. Viro a cabeça e ele escorrega. Abro a boca e ele escorrega. Durmo e ele escorrega. Ele prende nas minhas orelhas e os cadarços prendem no meu cabelo.”

“Então, precisamos fazer um capuz novo para você. Vou me empenhar ao máximo para que fique confortável. Você gostaria de um capuz novo?”

“Este capuz tem mau cheiro. Não será mais possível lavá-lo. Sei como fazer o próximo ficar melhor, frade. Posso lhe mostrar.”

“Então você fará. Você pode me ajudar a fazer o próximo.” Ivan se abaixou e, com a mão livre, abraçou Lázaro.

“Tenho uma surpresa para você, filho.”

“O que é?”

“Descobri um manuscrito sobre animais no scriptorium.”

“Com pássaros?”

“Sim, a obra está repleta de folhas com imagens de pássaros — inclusive com pinturas coloridas deles .”

“Será que eu poderia vê-lo esta noite, frade?”

“Sim, eu o trarei para você. É novo — veio de Paris! No entanto, preciso devolvê-lo logo ao amanhecer , para que os outros não percebam que sumiu. Você pode ficar com o livro esta noite, mas primeiro precisamos limpar.”

Por um instante, Lázaro nada disse, e embora suas feições estivessem ocultas, um ar pensativo o envolveu — seu rosto envolto em um sudário voltou seu olhar de estopa para o monge. A luz da tocha iluminou olhos azuis de uma beleza assombrosa, que espreitavam por buracos de estopa sujos.

“Frei, posso lhe perguntar uma coisa?”

“Reze para que faça isso.”

“Serei feio(a) quando crescer?”

Ivan buscou toda a atenção do menino, pousando a mão no ombro dele. “Escute, filho.”  
Você não é feia. Você é linda. Você não está usando o capuz para esconder a feiura. Você  
Você usa o capuz para esconder sua beleza da feiura. A feiura teme a beleza por considerá-la maligna.

“Tem medo do coração puro.” O monge levantou-se abruptamente e, depois de advertir a criança para que permanecesse ali, saiu da cavidade, tocha na mão. A escuridão envolveu a pequena figura curvada. Após um instante, passos cautelosos romperam o silêncio. No espaço escuro, Ivan encontrou o menino e agachou-se diante dele.

“Larga o balde, filho.”

Ivan apalpou o chão sob seus pés, encontrou uma pedrinha e a cobriu com o punho. Fez o mesmo com a outra mão e, em seguida, apresentou ambas as mãos fechadas ao menino.

Ivan ergueu a mão esquerda. "O que tenho na mão, Lázaro?"

“Uma pedra.”

Ivan levantou a mão direita. "E nesta mão?"

Lázaro respondeu: "Nada".

“Tem certeza, Lázaro?”

“Ouvi dizer que você pegou uma pedra. E depois ouvi dizer que não pegou.”

"Pegue a pedra", disse Ivan de repente, atirando-a para o ar. No escuro, ele esperou que a pedra tilintasse ao bater no chão. Ela não tilintou.

“Diga-me, por favor, o que você tem aí, filho?”

“A pedra.”

“E por que estaria em sua mão, Lázaro?”

“Você ordenou que eu o pegasse.”

“O que você pegou foi mais do que uma pedra.”

“Como é que é mais?”

“É um confessor da verdade. Agora, jogue a pedra para mim.” Ivan sentiu uma pequena mão na sua e a afastou. “Não, filho. Jogue a pedra para mim, assim como eu a joguei para você.” Lázaro obedeceu e jogou a pedra. Ouvia-se um tilintar quando o seixo atingiu o chão.

“Perdoe-me, frade. Preciso jogá-lo de novo.”

“Não. Fique quieto, filho — escute. Por que eu não peguei a pedra?”

“**Sem luz não se vê.**”

“De fato. Agora, que verdade a pedra nos revelou?”

“Não pode falar, frade.” Havia um toque de divertimento na voz da criança.

“No entanto, ela já falou! Quando você pegou a pedra, onde eu não consegui, a pedra confessou ao mundo inteiro que você é realmente belo. Entende o que quero dizer, filho?”

"Sim", disse o menino lentamente.

"Você?"

“Sim, frade. Mas por quanto tempo mais?”

Ivan se levantou e puxou a criança para perto de si. "Logo. Partiremos em breve."

“Em quanto tempo?”

“Estaremos morando na Borgonha antes do final do ano e você nunca mais usará o capuz. No entanto, neste instante, costuraremos o melhor de todos para você. Será o último.”

“Miguel e Thateus também podem ter capuzes novos? Os deles também escorregam. Eles me disseram isso.”

Miguel e Thateus eram jovens escudeiros gravemente deformados e, ao contrário de Lázaro, foram abandonados nos degraus da Abadia, acolhidos e criados pelos monges guardiões. Contudo, tal como Lázaro, também usavam capuzes compridos, semelhantes aos de leprosos, com buracos para os olhos, para esconder as deformidades. Dessa forma, os três rapazes partilhavam um laço comum: a semelhança na aparência exterior. Juntos e completamente encapuzados, poderiam ter parecido um trio de pequenos fantasmas de estopa. Frequentemente, Ivan convocava Miguel e Thateus às catacumbas para trabalharem ao lado de Lázaro e, como Lázaro sempre fora confinado às catacumbas, isso trazia a Ivan tanta ou até mais alegria do que a Lázaro. Para os três rapazes, o gigante Frei Ivan era o criador das suas máscaras — um salvador e protetor de suas honras. E para Ivan, quando essas crianças fantasmagóricas estavam juntas e Lázaro caía na gargalhada — uma gargalhada rara ali nas catacumbas —, a alegria inesperada e memorável invariavelmente servia para acalmar sua alma perturbada.

“Vamos costurar capuzes novos para eles também. Você mesmo pode entregar os capuzes novos a eles, filho. Você gostaria?”

"Eu poderia."

“Muito bem, então você fará isso.”

“Eles podem vir conosco?”

Ivan respirou fundo antes de falar. "Eles devem permanecer aqui, Lázaro. A Abadia é o lar deles. A Abadia é boa para eles."

“Frei Odino pode vir?”

Ivan jogou a cabeça para trás e riu. "Lázaro, sério? Se fôssemos embora sem Frei Odino, ele poderia nos perseguir e nos bater com um bode." A criança riu também. "Você quer que ele nos bata com um bode? Não, filho; é claro que Frei Odino virá conosco."

“Para a Borgonha?”

“Bem longe daqui, Lázaro. Agora, me dê o balde. Temos muito o que fazer.”

“Eu carregarei o balde, frade.”

“Não. Dê-me o balde, Lázaro. Você pode carregar o próximo.”

Ivan recuperou a tocha e agora a estendeu para o menino. "Você vai na frente."

“O balde está pesado, frade. Eu preciso carregá-lo.”

“Pegue a tocha. Lidere. Eu tenho o balde. Mostre o caminho, filho.”

Relutantemente, o menino pegou a tocha e iluminou o caminho, sentindo-se constrangido por Ivan estar caminhando.

atrás dele.

Quase uma hora se passou enquanto Lázaro esfregava as esculturas ornamentadas nas paredes do corredor principal, que estavam enegrecidas por anos de fumaça de óleo de tocha e fuligem. Nesse curto período, o balde cheio de água cristalina havia se transformado em meio balde de uma sopa escura e viscosa como tinta da Índia. Outra viagem ao Poço era necessária. Lázaro ergueu o balde e começou a descer o corredor, mas parou abruptamente ao ver um rato preto correndo rente à base da parede ao seu lado. Frei Clódio esbarrou no garoto por trás, fazendo o balde tremer e respingando boa parte da gororoba imunda na frente da túnica do menino. "Saia da frente!", rosou ele. Continuou passando por Lázaro, perseguindo o rato com uma longa vara de madeira.

"Perdoe-me, frade", murmurou Lázaro, continuando pelo corredor, olhando para a bagunça em sua túnica. Ele alcançou Clódio, que havia encurralado o rato entre a parede e uma coluna. "Agora te peguei", disse Clódio ao rato petrificado. Lázaro parou atrás do frade para dar uma olhada no rato. Sem perceber que Lázaro estava atrás dele, Clódio ergueu lentamente a vara, com a intenção de encurralar o rato no canto e matá-lo.

De repente, Lázaro deixou cair o balde de água, virando-o e derramando o líquido no chão, o que fez o rato condenado sair da fenda. A água suja espirrou nos pés de Frei Clódio e subiu por sua túnica. Assustado, ele gritou e se virou enquanto o rato, agora encharcado, corria por um canto em direção à segurança.

"Você! Você fez isso de propósito!", repreendeu Lázaro.

"Perdoe-me, frade", respondeu Lázaro. Ele virou o balde de pé, ajoelhou-se e rapidamente enxugou a água que caía sobre as sandálias do monge. Clódio ergueu a vara em sua direção — Lázaro se preparou para o golpe.

"Clódio!" Frei Ivan subiu o corredor furioso. Clódio rapidamente baixou a bengala e disse: "Ele jogou um balde de água imunda em mim!"

— O quê? — Ivan parou diante deles. Ele examinou a bagunça tanto na casa de Lázaro quanto na de Clódio. vestes.

"Encurralhei um rato e ele jogou água suja em mim para protegê-lo! Exijo um pedido de desculpas e uma punição imediata!"

"Lázaro", perguntou Ivan, "isso é verdade?"

"Deixei cair o balde, frade."

"Intencionalmente?"

"Sim, Frei." Lázaro baixou a cabeça.

“Viram só! Eu reuni exatamente isso!”, gritou Clódio.

“Lázaro? Por quê?” perguntou Ivan.

“Não matarás, frade”, disse Lázaro em voz baixa. Clódio bufou e revirou os olhos com desgosto.

Ivan prosseguiu: “Mas esse mandamento se aplica aos homens, não aos ratos, certo?”

Lázaro mudou o peso de um pé para o outro e, após uma pausa, respondeu: “Eu sei, frade, mas—”

Ivan o interrompeu: “Então presumo que você deva um pedido de desculpas ao bom frade.”

“Perdoe-me, Frei Clódio. Desejo ser corrigido agora.” Lázaro humilhou-se.

Clódio ergueu novamente seu cajado quando Ivan se colocou entre eles e se dirigiu a Lázaro.

“Sua penitência será esta: buscar um balde de água limpa e limpar as paredes entalhadas.”  
Agora, circulem.”

“Sim, frade.” Lázaro fez uma reverência apressada e saiu correndo com o balde.

Clódio ficou boquiaberto. “Desde então, você o colocou para limpar as paredes!”

Ivan, uma cabeça mais alto que Clódio, aproximou-se do rosto dele e rosnou: “Que assuntos são esses?”

Você reivindica algum direito sobre minhas catacumbas, além de caçar ratos? Ouça-me bem:

you supervisiona os terrenos da Abadia e eu supervisiono o que está abaixo deles. Corrija seus escudeiros e eu corrigirei os meus! Agora, retire-se imediatamente, Clódio!

O frade repreendido recuou, subindo o corredor a passos largos, gritando e murmurando em sua partida apressada. “Eu mesmo darei um jeito no menino, Ivan! Vou levar o caso ao Abade!”

“Por favor, faça isso! E conte a ele que você caça ratos nas minhas catacumbas, em vez de cuidar de “A sua própria!” , gritou Ivan de volta. Clódio recusou-se a responder, desaparecendo na escuridão.

Ivan se virou para ele e só então se permitiu um sorriso — lento e discreto, como o de um homem que ganhou uma aposta que nunca fez. Endireitou os ombros e cruzou as mãos atrás das costas como um prisioneiro condenado, porém orgulhoso, a caminho do inferno — e desceu cada vez mais fundo nas catacumbas enquanto a escuridão o engolia.

Clódio era um homem amargurado. Até mesmo o Abade tinha pouca tolerância para com ele. Felizmente para Ivan, o Abade Vonig o via como o filho que nunca teve. Aos olhos do Abade, Ivan era perfeito. E todos os monges da Abadia se reuniram de forma igualitária e natural: Fazer amizade com Ivan era fazer amizade com o Abade — e, conseqüentemente, ter fácil acesso à adega das catacumbas. Por outro lado, a maneira mais certa de irritar Ivan era maltratar Lázaro, Miguel ou Thateus — aqueles frágeis escudeiros condenados pela deformidade.

~\*~

Lázaro já havia terminado suas tarefas há muito tempo. Ivan o arrancou de um manuscrito ilustrado com pássaros de cores vivas e o acompanhou até a cama, apagou as poucas tochas acesas nas catacumbas e se recolheu ao seu aposento no dormitório dos frades para passar a noite. Quase todos os monges de Gardiens já haviam ido dormir, exceto alguns mantos escuros e fantasmagóricos que vagavam pelos terrenos iluminados pelo luar, realizando trabalhos noturnos designados.

Frei Delon Odino saiu do dormitório dos monges por uma pequena porta lateral e atravessou furtivamente o pátio envolto em névoa para seu momento de prazer noturno. Acendeu uma tocha somente depois de entrar na escadaria das catacumbas. Após alguns cálices, foi acompanhado na adega por um sonolento Lázaro. Para ambos, essa era uma prática rotineira. Apreciavam o suspense, a emoção do ilícito — Lázaro sabia que não deveria sair de seu quarto após a partida de Ivan, e Odino, cuja fraqueza pelo vinho não era o segredo mais bem guardado da Abadia, fora avisado para ficar longe das catacumbas após o anoitecer.

Odino estava sentado em cima de uma bancada, encostado na parede da adega com as pernas esticadas à sua frente. Barris de vinho envelhecido e tonéis de borra enchiam o cômodo ao seu redor. O ar estava pesado com o odor pegajoso e pungente de frutas fermentadas.

“Ah, Lázaro, meu rapaz. Presumi que estivesse dormindo. Entre! Fala!” Odino sorriu, acenando com um cálice meio vazio.

Além de Ivan, Odino era o único outro monge da Abadia que realmente conhecia o menino. Em muitos aspectos, o frade gordo e de bochechas rosadas era como um tio para Lázaro — tio e amigo.

“Você não percebeu que eu viria?”, perguntou Odino, as palavras saindo desleixadamente de seus lábios umedecidos pelo vinho.

“O quê?” perguntou Lázaro, sonolento.

“Com você e Ivan — para fora da Abadia.”

“Eu não sabia.”

“E se vocês forem embora sem mim, eu vou atrás de vocês dois e bater em vocês com uma cabra.” Eles riram juntos. “De um jeito estranho, vou sentir falta desta Abadia.”

“E o vinho?”, perguntou Lázaro. Odino lançou-lhe um olhar de desaprovação.

Lázaro caminhava de um lado para o outro no quarto, tocando em tudo enquanto andava, sem ir a lugar nenhum, apenas girando em círculos, como uma criança.

Por fim, Odino falou novamente: “Notei um fogo ardendo em você nos últimos dias — seu sangue está em brasa. Você deseja se libertar destas catacumbas, não é?”

“Desejo ver o mundo — além dos livros. E pássaros — de verdade — voando. Não como os...”

aquele morto que você me trouxe.”

Odino soltou uma gargalhada sonora. "Você ainda tem aquilo?"

Abriu suas asas — e ela se despedaçou. Embrulhei-a e a coloquei em uma das criptas. Disse o Frei. Ivan, diga-lhe quando partiremos para a Borgonha?

“Logo, garoto. Logo.”

Após uma breve pausa, Lázaro perguntou: "Frei, posso lhe perguntar uma coisa?"

"De fato."

"Você não está nem um pouco incomodado por ter que deixar a Abadia?" Lázaro procurou em seu rosto algo além de palavras.

“A rotina ficou monótona. Não consigo acompanhar o ritmo dos dias.”

“O que faremos, então, sem a Abadia?”

“Bem, para começar, não teremos que viver de acordo com a ordem vigente. Isso não lhe agrada?”

“Suponho que... não sei.” Lázaro baixou a cabeça encapuzada.

“Claro que não. É tudo o que você conhece — estas paredes de catacumbas e a mesma rotina enfadonha. Mas você verá, em breve. Você não pertence a este lugar — seu pai sabe disso muito bem. Ele vê o que eu já vejo há algum tempo — um pássaro batendo as asas em sua gaiola.”

“Que pássaro?” Lázaro olhou em volta do porão. “Onde?”

“Você é o pássaro e a *Abadia* é a gaiola”, esclareceu Odino.

Lázaro encostou-se à mesa, ao lado de Odino. "O vinho tem o mesmo gosto que o cheiro, frade?"

“Melhor ainda.” O monge sorriu e brindou ao menino com um gesto teatral antes de beber um gole generoso da xícara de madeira rústica.

"Tem um cheiro ruim. O gosto também deve ser horrível."

“Depois de algumas xícaras, ninguém se detém no sabor.” Odino enxugou o sorriso com a manga e estendeu o copo vazio para o menino. “Ajude um tolo gordo e cansado, meu rapaz.” Lázaro pegou a xícara.

"Por que você bebe mais vinho do que os outros monges, frade?", perguntou Lázaro, aproximando-se de um barril de vinho.

“Primeira Timóteo, 23 de 5?” perguntou Odino apressadamente.

O rapaz não hesitou. "Não bebas mais água, mas usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades."

“Mais uma vez — desta vez, em latim!”

Lázaro respondeu obedientemente: “*Noli adhuc aquam bibere sed vino modico utere propter estômagoum tuum, et frequentes tuas infirmitates*”.

Odino riu, parou abruptamente e estalou os dedos. “Esse barril não! Este aqui,

"Rapaz", disse Odino, apontando para outro barril. Lázaro aproximou-se de um barril mais próximo e encheu cuidadosamente o copo. "É tudo a mesma coisa, suponho? Ora, este barril, frade?" Depois que Lázaro retornou e entregou o cálice a Odino, o monge lhe perguntou: "Lucas, 39 de 5?"

Mais uma vez, o rapaz não hesitou. "E ninguém, depois de beber a bebida velha, deseja imediatamente a nova, pois diz: 'A velha é melhor'."

Odino deu uma gargalhada tão sonora que derramou vinho por todo o chão da adega. Como um cão confuso, Lázaro inclinou a cabeça para o lado e ficou imóvel como uma estátua enquanto Odino se recompunha.

Então Lázaro perguntou: "O que é isso? Eu falo corretamente."

"Sim, você tem — como sempre tem, Lázaro. Mas agora descobri o segredo", disse o monge, ainda tremendo de alegria contida. "Pelo que vejo, você tem um pequeno scriptorium de livrinhos minúsculos sob essa sua máscara. E você vira as páginas deles com o nariz."

"Não tenho livros pequenos, frade", respondeu Lázaro, sem rodeios.

Odino riu da resposta sincera dele. "Mas como você consegue, rapaz? Recita cada palavra como sempre faz?"

"Eu sei ler."

"No entanto, as palavras não permanecem na mente dos outros como permanecem na sua. Como você poderia ler algo apenas uma vez e saber para sempre? Ninguém nesta Abadia consegue fazer isso — em todos os meus dias, não conheço ninguém, exceto você. Conte-me a magia disso."

"Só me lembro disso, frade."

"Claro que sim, rapaz." Odino suspirou. "E só Deus conhece a *profundidade* de tal..."

"Uma bênção tão incomum quanto a sua." Mais uma vez, ele brindou Lázaro antes de beber o último gole de vinho de sua taça. Então, estendeu o cálice para Lázaro, para que o enchesse novamente, mas o encontrou sem sucesso. Virou-se de costas e ficou de frente para a entrada da adega.

Lázaro voltou-se para Odino. "Frade, alguém se aproxima! Talvez três, eu diria." Odino saltou da bancada como se estivesse em chamas. Caminhou apressadamente até a parede dos fundos, limpando cuidadosamente a boca de qualquer vestígio de vinho enquanto escondia seu cálice atrás de um tonel. Lázaro moveu-se para a outra parede, retirou a tocha do suporte, mergulhou-a no óleo e apagou todas as chamas da adega — o cômodo ficou escuro como breu.

Na escuridão, Odino procurava, gesticulando com os braços na direção onde vira Lázaro pela última vez. "Venha cá, menino. Guie-me", sussurrou Odino.

"Levar-te aonde, frade?"

"Shhh... cuidado com a língua. Leve-me para fora daqui. Não consigo ver", sibilou Odino.

Impacientemente, tateando o ar em busca de Lázaro.

"Para onde desejas ir?" , perguntou Lázaro, pegando delicadamente a mão de Odino .

**"Pelos anjos! Em qualquer lugar, rapaz! Me tire daqui!"**

"Então, para uma cripta?"

"Sim, uma cripta! Imediatamente!" sibilou Odino.

Lázaro conduziu Odino para fora da adega e pelo corredor escuro. "Aqui, frade", sussurrou ele , guiando a mão de Odino até uma grossa maçaneta de ferro. O monge abriu a pesada porta, gesticulando na escuridão onde ouvira a voz do menino pela última vez.

"Entrem! Depressa!"

**"Estou aqui dentro, frade."** A voz veio de trás dele, de dentro do sepulcro.

"Lázaro", sussurrou Odino, fechando a porta com um empurrão, "Como podes saber tanto e, no entanto, reunir tão pouco?"

"Não entendi o que você quis dizer, frade."

"Claro que não. Você consegue ler páginas na sua mente, mas não entende o que eu quero dizer?"

**"Eu não sabia para onde desejava ir, frade."**

"Ah! Então, você me *compreende* ."

**"Você não me disse onde você—"**

As portas das catacumbas se abriram e Odino o interrompeu bruscamente: "*Shhh*, garoto — eles estão vindo."

Três monges caminharam um pouco pelo túnel para buscar tochas e um balde de óleo.

Rapidamente , saíram novamente. Após ouvirem a porta da catacumba se fechar, Lázaro e Odino escaparam da cripta. Lázaro retornou ao seu quarto, e Odino, ainda embriagado, seguiu as paredes para fora das catacumbas e voltou para seus aposentos.

Em outro lugar, numa cela pitoresca no segundo andar do dormitório dos monges, Ivan dormia profundamente. Por uma estreita janela entreaberta, a lua cheia revelava o conteúdo esparsos do quarto: uma cama com uma cruz de madeira na parede acima, uma escrivaninha forrada de livros e um pequeno caixote com os pertences de Ivan. O silêncio reinava.

Um bater de asas quebrou o silêncio da escuridão e um corvo luminoso brilhou no parapeito da janela, seu olhar frio fixo em Ivan. O quarto esfriou tanto que a respiração de Ivan levantou uma névoa. De repente, o corvo saltou para dentro do quarto antes de se transformar em uma mulher nua que caminhou descalça pelo chão.

Lucifael jogou os longos cabelos para trás e parou aos pés da cama de Ivan. Com olhos negros e um sorriso malicioso, ela o encarou. "O destino nos une novamente", sussurrou. Passou uma unha preta sobre ele. "Continue dormindo, meu amor." Ivan fez uma careta, agora imerso em um cenário onírico sensual. "E desta vez, nossa semente irá corrigir a história — corrompendo você em..."

"Igualmente", disse ela, afastando delicadamente as cobertas que o cobriam, desabotoando suas roupas e acariciando-o. "E eu não me deitarei abaixo de você." Ele gemeu. Vendo-o assim, ela montou e cavalgou o infeliz corcel; e a névoa da respiração de Ivan acelerou como os bufos de uma besta galopando, seus olhos revirando descontroladamente sob pálpebras presas no pecado. E naquele breve espaço de luxúria semeada pelo Diabo, assim como cem monges sofreram desde então, mais um frade de Gardiens caiu em desgraça.

~\*~

A primeira luz do dia surgiu como sempre — cedo demais para vários dos frades mais antigos da Abadia e ainda mais cedo para Frei Odino, após uma peregrinação noturna à adega. Muito antes de a maioria dos monges acordar, os mais velhos se entregavam às suas tarefas rotineiras: cuidar dos cavalos, preparar o café da manhã e outras obrigações diversas, o que exigia que fossem os primeiros a começar o dia. O chamado às armas de Ivan, um frade mais antigo, antes do amanhecer, dava vida nova às catacumbas da Abadia. Ele seria acompanhado por seu escudeiro permanente das catacumbas, Lázaro, que demonstrava sua competência fabricando e substituindo, acendendo e apagando, as inúmeras tochas das catacumbas. Entre os dois, os túneis permaneciam em perfeitas condições, apesar do intenso fluxo diário de monges e escudeiros.

Inquieto, mas alheio à visita anterior do espírito do corvo, Ivan retomou sua rotina diária. De debaixo da cama, retirou uma tigela de madeira coberta com um pano — sua refeição intocada da noite anterior. Com uma tocha acesa e a tigela de comida, saiu do dormitório, atravessou os escuros jardins da Abadia e entrou em um longo edifício, onde ficava a entrada das catacumbas. Caminhou pelo corredor, virou uma esquina, abriu uma porta de madeira e desceu uma escadaria de pedra, com a tocha erguida. Seu passo era longo e deliberado ao entrar nas catacumbas, sua túnica rústica tremulando à luz da tocha como uma cortina de tecido caseiro dançando na brisa de uma janela aberta.

À medida que o monge se embrenhava nos antigos túneis sinuosos, nichos arqueados surgiam ao longo de uma parede, entre colunas caneladas de pedra esculpida. As paredes dos nichos eram compostas por figuras grotescas elaboradamente esculpidas. Os estranhos quadros permaneciam enegrecidos. Com séculos de fumaça de tochas, retratando combinações horrendas de humanos e bestas. Havia cavaleiros com cabeças de pássaros ou cães; demônios e feras com rostos humanos; criaturas com feições horríveis e membros humanoides cobertos de pelos. Em todos os Entre centenas de figuras, havia uma única constante: cada uma possuía um par de asas ósseas, como as de morcegos. As esculturas de parede horripilantes eram uma agregação de aberrações que apenas os condenados e dementes poderiam apreciar.

Mais abaixo, as esculturas davam lugar a paredes lisas nas quais estavam embutidos...

Uma série de portas de madeira: essas eram as entradas para as criptas que abrigavam os restos mumificados de dignitários papais privilegiados — antigos abades, frades do Conselho Inferior, até mesmo alguns bispos e outros nobres. O frade virou à direita em uma bifurcação e à esquerda em outra. Agora, a catacumba se abria em um labirinto de túneis, serpenteando em todas as direções. Ivan percorreu um caminho familiar pelo labirinto de blocos de pedra e rocha subterrânea esculpida, embora seus profundos olhos azuis estivessem distantes, imersos em um mar escuro e turbulento.

Após algum tempo, ele parou ao lado de uma entrada estreita. Encaixando a tocha em um nicho na parede, inclinou-se para a escuridão e disse: "Lázaro, trago mais comida. Primeiro você come, depois acendemos as tochas." De um bolso em sua túnica, ele retirou um fino pavio de cera, acendendo-o na tocha. Entrou sorrateiramente no quarto e colocou o pavio em uma lamparina de óleo apoiada em um barril de carvalho virado de cabeça para baixo. Uma luz tênue preencheu o pequeno cômodo, revelando uma pequena cama de madeira encostada na parede. Nela estava sentado um Lázaro sonolento, sem o capuz, esfregando os olhos com os punhos. O menino bocejou, expondo uma fileira de presas caninas, grossas e rombas.

Seus traços faciais eram semelhantes aos de qualquer garoto de sua idade, exceto pelos dentes e orelhas — orelhas que lembravam mais as de um cachorro sem pelos e de um elfo do que as de um menino. Ele tinha uma cabeleira preta, lisa e espessa, emaranhada. Sobrancelhas escuras e grossas. arqueava-se sobre um par de olhos penetrantes de um azul índigo. Estranhamente, com a boca fechada e os ouvidos tapados, talvez pudesse ser facilmente confundido com qualquer outro garoto. A aparência de Lázaro era mais estranha do que repugnante, conferindo ao menino uma natureza quase mística, selvagem, porém gentil e de certa forma atraente. Uma túnica folgada se espalhava sobre os ombros magros do garoto, eventualmente se acumulando em seus tornozelos. Meias grossas de estopa envolviam seus pés, as solas desfiadas e incrustadas de sujeira preta trazida do chão do t

Ivan ficou paralisado por um instante, com os olhos arregalados, e então caminhou em direção à cama de madeira com tanta força que o menino, ainda sonolento, recuou contra a parede. "Vista-a de volta", ordenou o monge asperamente. "Agora mesmo!" Ivan pousou a tigela com um estrondo e vasculhou o quarto. "Onde está? Você deve usar o capuz sempre, menino! Está me ouvindo? Sempre!" O olhar distraído do monge desapareceu; em seu lugar, agora havia uma expressão torturada que Lazarus deduziu ser raiva, embora não fosse.

A severa repreensão de Ivan o despertou completamente e o menino obedeceu, levando a mão às costas para pegar o capuz na cama, resmungando enquanto colocava a máscara na cabeça: "Frei, Não consigo dormir. O capuz gira e me impede de respirar.

Ivan sentou-se ao lado dele e Lázaro virou a cabeça para que Ivan pudesse apertar os cordões na parte de trás do capuz. "Não importa. Você deve usá-lo sempre. Levante a aba de tecido sobre a boca, se precisar, mas deixe a proteção facial no lugar."

"Será que eu poderia usar o novo capuz, frade?"

"Ainda não está pronto. Estou costurando." Ivan deslizava os dedos pelos cadarços de couro, apertando-os de vez em quando, enquanto Lázaro alinhava os furos com os olhos.

"Já estará pronto", disse Ivan, com a voz perdendo um pouco da aspereza. "Agora, mantenha esses cadarços bem apertados, e este não se desfará. Ah, entendi. Seu cabelo está muito volumoso."

"Vamos afrouxá-lo quando eu terminar o novo capuz." Amarrando firmemente as cordas, o monge se levantou da cama. "Pronto, aperte bem de novo. Se você o soltar novamente, pode ter certeza de que eu o disciplinarei por isso, Lázaro. Agora, aqui; coma." Ivan pegou a tigela e a colocou nas mãos de Lázaro .

O monge aproximou-se da porta e encostou-se nela. De vez em quando, espreitava para fora do quarto e para Lázaro, como se o vigiasse. Observou pedaços de pão embebidos em leite de cabra desaparecerem sob o capuz. Logo depois, Ivan puxou a tocha da parede. "Prepararei as bandagens para a tocha. Encontre-me na adega quando terminar", disse Ivan, saindo pela porta.

Lázaro chamou-o e disse: "Frei, posso fazer-lhe uma pergunta?"

Ivan respondeu: "O que foi, filho?"

"Por que a Pedra do Portal grita?"

"Gritar? Por que você acha isso?"

"Parece mais alto, como se estivesse acontecendo nesta mesma sala."

"Não quero que você pense nisso , Lázaro. Deixe isso para lá. Você não deve..."

Saiba que existe. Reflita sobre outra coisa — talvez pássaros, árvores ou os grandes rios caudalosos dos quais tantas vezes falamos. Considere até mesmo os anjos — puros o suficiente. Você consegue fazer isso por nós dois?

"Sim, frade."

Ivan estava prestes a ir embora quando o menino o chamou novamente.

"Será que os pássaros conseguem voar tão alto quanto os anjos? Até mesmo até o céu?"

"Não, Lázaro." Agora, o monge parecia cansado. "O Céu é para o Homem, não para os animais da terra ou as aves do céu." Então acrescentou: "Não fale mais da Pedra da Entrada — não a ninguém. Não quero mais ouvir falar dela."

"Frade — sou eu *um homem*?"

"Você ainda é um menino. Tem muito a aprender — um dia. Chega de perguntas, Lázaro. Coma."

E lembrem-se rigorosamente do que estou falando sobre a Pedra do Portal — vocês me entendem?"

"Sim, frade." Lázaro voltou-se para a comida enquanto Ivan desaparecia.

~\*~

Acima do solo, sob as densas sombras da catedral vazia da Abadia, um besouro preto emergiu de uma pequena cavidade e correu pelo chão de pedra em direção ao santuário. Atravessou o coro, sob a última luz da lua crescente, e correu contra a laje sobre a qual repousava o altar. Entre o chão e a laje havia uma estreita fenda, e o besouro procurou uma entrada espaçosa o suficiente para suas costas aladas e curvadas. De repente, seu movimento cessou. Congelado, virou-se de costas. O inseto não encontrara uma entrada, mas sim uma passagem estreita e uma saída — e daquela fenda emanava uma escuridão agitada e viva.

O curioso besouro caiu, engolido pela penumbra que emanava de muito abaixo; espalhando-se para cima e em linha reta através das lajes como luz — no entanto, aquilo era a antítese da luz. Onde caiu, não havia nada, e até mesmo as sombras da lua pareciam brilhantes em comparação.

À medida que essa escuridão profana alcançava a orla do santuário, uma nuvem de poeira acompanhou o ruído de um chiado constante que vinha de baixo da pedra do altar, soprando como uma cratera vulcânica. Uma substância acre e sulfurosa contaminava o ar. Um gás pálido escorria da fenda e começou a tomar forma, fervilhando enquanto se tornava cada vez mais denso. A massa instável disparou para cima, serpenteando e espiralando entre as colunas de sustentação e circulando o teto como uma mosca presa. Então mergulhou, metralhando o santuário com tentáculos de nuvem oleosa e fétida antes de desaparecer por um corredor de vestiários do clero.

Num canto de um camarim, pesada contra o chão, a nuvem gorgolejou enquanto a névoa se dissipava, revelando uma massa escura que crescia em seu interior. Osso, ligamento, tecido e pele se coagularam, culminando num grito estridente, semelhante ao de um falcão, que rasgou os corredores silenciosos da catedral. Aconteceu novamente, como já havia acontecido centenas de vezes. Outro Grotesco nasceu — outra cria de Eljo, agora gerada pela presença do monólito francês. A criança era de uma raça antiga e bestial, tão antiga quanto o alvorecer do Inferno, e concebida apenas da união carnal entre um Homem e um Anjo perverso o suficiente para gerar tal aberração da Criação. O Grotesco era uma mulher, quase humana em forma, e comparável a uma menina de seis ou sete anos em tamanho e estatura. Ela ostentava um par de asas — de carne e osso — semelhantes às de um grande morcego. Com cabelos negros, olhos índigo e um par de orelhas élficas, semelhantes às de um cão; em suma, sua aparência estranha pode ter sido um reflexo, e uma versão mais jovem, do escudeiro Lázaro.

~\*~

Vista da perspectiva de um pássaro em voo, a Abadia da Catedral formava o desenho de uma cruz.

com um salão principal vertical atravessado por um par de alas laterais. Havia três conjuntos de portas duplas externas: a entrada principal, posicionada na base da cruz, e outras nas extremidades de cada ala. O santuário ficava no centro da cruz, no topo do monólito. Os confessionários, as salas de penitência e de flagelação alinhavam-se na cabeceira da cruz. A sacristia, a vestiário e as dependências práticas ficavam no braço esquerdo da cruz, e um oratório com assentos em terraços formava o braço direito.

As horas escuras da madrugada transcorriam sem trégua, e um clangor distante e monótono começou a ecoar pela paisagem; o imponente campanário da Abadia anunciava mais um dia de *ora et labora* — oração e trabalho. Na penumbra da aurora, longas formações de monges caminhavam através de uma fina névoa em direção à ala do oratório da catedral. O tilintar das trancas das portas externas quebrou a paz sepulcral do interior da igreja. Liderando a procissão sagrada, um acólito abria caminho com um incensário fumegante, balançando a esfera metálica perfurada como um pêndulo. Longas fileiras de assentos de madeira em terraços se enfrentavam ao longo de um amplo corredor central. Os assentos da frente ficavam nivelados com o chão, enquanto as fileiras de trás se encostavam nas paredes. Cada assento pertencia a apenas um monge, exceto os assentos reservados para convidados, mais próximos das paredes do fundo. As colunas de sacerdotes se dispersaram, e cada um encontrou seu lugar.

Juntos, os frades Ivan e Odino se aproximaram e caminharam arrastando os pés pelo mesmo corredor. Poucos assentos adiante, Ivan parou e sussurrou por cima do ombro dos frades Clodius e Greville: "Encontrou mais algum rato, Clodius?" Clodius respondeu com um olhar desafiador. Ivan sorriu de canto e seguiu em frente. Odino parou e deu um tapinha na cabeça de Greville. "Ele conseguiu desenterrar o Frei Greville, aqui!" O monge azedo deu um tapa na mão de Odino. Odino deu uma risadinha e seguiu Ivan enquanto Greville rosnava atrás dele: "Seu dia chegará em breve, Odino!" "Não lhes dê atenção", consolou Clódio a Greville com o queixo erguido e o lábio rígido, "Mesmo sem o Abade, veremos ambos humilhados."

Ele sentou-se alguns assentos adiante. Ao notar o assento ocupado abaixo dele, Ivan abriu um sorriso. "Nicolau!" Um jovem frade robusto e bronzeado ergueu os olhos e sorriu para ele. Ausente da Abadia por vários meses, Frei Nicolau permanecia como pároco da aldeia vizinha de Murat. Nicolau disse: "O monge pródigo retorna!" Ivan deu uma risadinha e perguntou: "Como estão os bons cidadãos de Murat?" "Eles precisam muito de orientação." Ivan assentiu em confirmação. Odino aproximou-se e, ao avistar Nicholas, parou abruptamente. "Será que meus olhos me enganam?" Odino avançou apressadamente, Nicolau se levantou e os dois monges se abraçaram. "É bom te ver de novo", respondeu Nicolau. Odino sussurrou maliciosamente em seu ouvido: "E como está a viúva do sapateiro?"

Nicolau suspirou e balançou a cabeça, olhando para o chão. "Ela põe minha fé à prova, irmão." Eles riram baixinho enquanto as cabeças próximas se viravam, revelando rostos que davam a impressão de constipação. Os dois frades se recompuseram e se sentaram. O sino da torre da Abadia tocou e a assembleia silenciou.

De um lugar na primeira fila, um jovem frade levantou-se e caminhou em direção a um púlpito centralizado no corredor. Sobre o púlpito, repousava um exemplar grande e aberto das Sagradas Escrituras. Ele contornou o objeto, curvou-se respeitosamente e beijou o livro. Limpou a garganta, pousou o dedo indicador sobre as páginas e leu em voz alta: "Ai daqueles que chamam o mal de bem e o mal de bom maldade, que faz das trevas luz e da luz trevas, que—"

"**Grito!**" O padre agarrou o púlpito e se virou, procurando intensamente a origem daquela voz horrível que cortava o ar. Mais de cem pares de olhos arregalados, passou correndo por ele em direção ao Santuário. Todos ficaram boquiabertos. Quase todos os monges já tinham ouvido aquele som antes, mas exibiam expressões idênticas de confusão.

O abade Vonig levantou-se de um salto, franzindo a testa. Todos os olhares se voltaram para ele. "Espero que todos, exceto o Conselho Inferior, retornem ao dormitório. Imediatamente!" Nicolau e uma centena de outros monges aflitos e contrariados abandonaram as vésperas da manhã, levantaram-se de um salto e convergiram para a porta. O abade gritou atrás deles: "Prostrem-se em suas celas e repitam seus atos de contrição, até que eu ordene o contrário!" Trinta e três monges mais velhos permaneceram, incluindo Ivan, Odino, Clódio e Greville.

Quando o último padre saiu e fechou a porta da catedral, Vonig se virou para examinar o restante da congregação, com seus rostos atônitos; seu próprio semblante brilhava de espanto. Raiva, distorcida em desgosto. Mais gritos ecoaram. Enquanto o olhar ardente de Vonig percorria as fileiras de monges, cabeças esticadas se inclinaram e olhares curiosos se voltaram apressadamente para o chão.

"Qual de vocês é o responsável? Confesse!" Nenhum padre se confessou.

Vonig se virou e caminhou a passos largos até o pódio. "Muito bem, então; tomem suas posições!"

Imediatamente, obedeceram, conhecendo a rotina que se seguia: a cada novo Grotesco que nascia, todos pagavam o preço — sempre pagavam, e pagariam agora, como muitas outras vezes. Em uníssono, os frades do Conselho Inferior levantaram-se, desceram das fileiras em forma de terraço e reuniram-se no corredor central. Cada um caiu de joelhos, apertando as mãos na parte inferior das costas.

Diante do Santuário, os três investigadores se prepararam e abriram a porta — nada. Os monges entraram cuidadosamente em seu interior escuro. Exceto por algumas vestes...

A sala estava vazia, sem estátuas cobertas com mantos, pedestais ou outros artefatos religiosos.

“*Sibilo!*” Seus olhares se voltaram para cima, revelando a criatura grotesca com asas abertas e cabelos negros e selvagens, exibindo presas caninas e afiadas, empoleirada em uma saliência rochosa perto do teto. Ela proferiu uma torrente de palavras raivosas, estranhas e exóticas aos ouvidos — a linguagem dos anjos.

Olhando fixamente para as cabeças raspadas e humildemente curvadas no pódio, o Abade se virou. Ele voltou sua atenção para o livro à sua frente. Folheou as páginas, o pescoço e as orelhas ardendo de raiva enquanto gritos e línguas estrangeiras ainda ecoavam. Um dos seis investigadores retornou, segurando um ferimento superficial no queixo. Sangue escorria entre seus dedos e salpicava o chão.

“Deixe-nos ir”, respondeu o Abade. “Cuide do seu ferimento.” O monge curvou-se e deixou um rastro considerável de água aspergida em direção à porta da catedral, enquanto gritos e urros atestavam a luta contínua no Santuário.

Logo em seguida, seus dois companheiros se aproximaram, lutando com um Grotesco que se debatia e estava envolto em tecido vestida com um hábito de monge. O Abade os deteve no pódio e eles a imobilizaram contra o chão. Com a voz abafada, porém insistente, ela continuou seu discurso incessante de condenações angélicas.

Vonig apontou o dedo para as escrituras e gritou por cima dela e de sua congregação: “E o Senhor disse: Vai, desce, porque o teu povo se corrompeu!” Sua fúria trovejou pelos contrafortes do teto. O Abade lançou um olhar furtivo para os rostos alongados dos sacerdotes. Uma estranha calma o envolveu; suas feições mudaram em sintonia com uma mentalidade completamente diferente. Delicadamente, ele fechou o livro, deu um tapinha na capa e o encarou.

Ele arremessou o livro do púlpito, ergueu-o bem alto e o atirou — o livro caiu no chão entre os monges. Inclinando-se sobre o púlpito, ele bradou enquanto os protestos do Grotesco pontuavam sua diatribe: “Não terás outros deuses além de mim! Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há nos céus, na terra ou nas águas debaixo da terra! Não te prostrarás nem as servirás, porque eu sou um Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me *odeiam!*”

Vonig os observava atentamente, como um pai para seus filhos rebeldes, tentando convencer a si mesmo de que não eram homens maus. Como seu Abade, o fracasso deles era seu fracasso; a culpa deles era sua culpa. Contudo, homens são homens, santos ou não, dizia o Abade a si mesmo. Mesmo

Assim como Adão desejou os lombos de uma mulher — a luxúria é luxúria, em coração perverso ou puro, assim como uma serpente contorcida conheceu os lombos de Adão. Do macaco ao monge, os desejos da carne estavam gravados na essência da Criação. Essa nova figura grotesca confirmou a crença de Vonig: que o Homem continuaria a obedecer às Leis da Criação, mesmo à custa de suas próprias leis de fé.

O abade contornou o pódio e caminhou entre eles. "Você", disse ele, chutando um monge, "o que devo fazer com isso?"

O sacerdote, surpreso, respondeu: "Não sei, Abade. Não é meu."

"Todas elas são suas", repreendeu-o Vonig. "Você é um frade congregacional!" E dirigiu-se a outro: "Você! Para onde eu iria com isso?"

O segundo respondeu: "No topo da catedral?"

"E por que não?", questionou o Abade.

"Está cheio."

"É assim mesmo—não há mais espaço."

**"Talvez Notre Dame?"**

"Ah, mas eles não pedem mais nada."

Um terceiro monge se pronunciou: "Abade, eu sei de um terreno sagrado ao norte — uma nova catedral."

Poderíamos enviar o presente para—"

Vonig se virou bruscamente e o interrompeu: "**NÃO!** Chega de gente saindo dos mosteiros conciliares! Temos todas as ordens da Santa Sé convencidas de que Gardiens e Canello estão repletos de mestres pedreiros, esculpindo essas... essas *dádivas!* Quem dera pudéssemos nos dominar. Não, não dádivas. Pecados! Os seus... selados em pedra! Basta!"

O monge desviou o olhar do olhar penetrante de Vonig. Vonig se virou e caminhou entre eles, "Reúna o que precisa ser dito. As estátuas são apenas registros atemporais de seus pecados — registros em pedra que lhe garantirão uma justa ida para o Inferno. E esta *Mulher-Espectro* da Pedra do Portal—"

Instantaneamente, uma enxurrada de imagens carnis passou pela mente de Ivan — imagens mentais perversas de sua união sonhada com Lucifael. E ele descobriu que o encontro à meia-noite não havia sido um sonho, como imaginara inicialmente.

"Ela é sedutora, não é? Madura e disposta? E oh, tão ansiosa para agradar—"

Os olhos de Ivan se arregalaram ao ver o Grotesco amarrado e se debatendo, e ao perceber plenamente o papel direto e inconsciente que desempenhara em sua criação.

E quando você merecer a danação, talvez esse Espírito Prostituto da sua luxúria o receba em

Ela pode confortá-lo como antes. Mas, já que não precisará mais tentá-lo com seus encantos lúgubres e perversos para fazê-lo cair, talvez ela o console com sua verdadeira face — como a de uma serpente horrenda ou um dragão. E se a Mulher- Espectro for realmente o próprio Diabo? Oh, de fato, talvez ele o console de maneiras que você nem consegue imaginar. Talvez ele possa profanar seu corpo enquanto você grita — fazer o que quiser com você — para sempre. Oh, as maneiras imaginativas pelas quais ele poderia fazer isso — os muitos tormentos. Você consegue contá-los? As infinitas maneiras que farão até o homem mais forte chorar as lágrimas de uma jovem frágil — enquanto isso, queimando — gritando para sempre nas chamas. "Do inferno?" Vonig olhou feio para todos eles. Ele pegou as Escrituras do chão, Deu-lhe um beijo e voltou a passos largos para o pódio. Arremessou-o contra a mesa, e a sua ira ecoou por toda a catedral.

Ivan tinha certeza de que sua confissão poderia colocar em risco a segurança de Lázaro e, como qualquer pai justo e protetor faria, obedeceu aos seus instintos e não disse nada. Os delírios contínuos do Abade se transformaram em murmúrios incoerentes enquanto Ivan lutava contra seu novo demônio interior: a noção recém-revelada de que ele era o pai de um *segundo filho*. Grotesco — um segundo Lázaro — uma cruz a mais para carregar. Ele cerrou os dentes e fixou o olhar nas lajes sob seus pés.

Ivan sobressaltou-se quando o Abade enxugou o suor da testa e bradou: "Há mãos ociosas entre nós! Vou vê-las ocupadas novamente — construindo uma nova torre sineira para a Abadia!" Ele ergueu a cabeça e examinou as partes superiores e escuras da ala da catedral. Ele juntou as mãos e, com voz calma, compartilhou sua visão com eles: "Será mais alta e mais profunda. Será maior na base do que no topo e terá terraços suficientes para abrigar mil Grotescos. Primeiro, a luz do sol; a torre se elevará tão alto nos céus que o sol jamais se porá sobre esses Demônios de pedra. Se necessário, a torre perfurará as nuvens. Segundo, solo sagrado; um de vocês será trancado dentro da torre." torre, orando em todos os momentos, e tocareis o sino como penitência pelo resto de vossos dias. Dessa forma, a torre se tornará ainda mais sagrada que a nossa catedral. Por fim, para afastar o Mal, faremos a torre redonda, de modo que suas abominações fiquem voltadas para todas as direções. O Diabo verá suas grotescas estátuas de pedra de todos os montes e vales da terra e temerá este lugar. Agora, você pode me dizer que essa construção Uma torre assim não é possível. Se assim for, minha resposta é simples: você me mostrará por que não é possível — *construindo* -a. Por favor, o que você me diz agora?

"*Grito!*" A criatura grotesca se debatia enquanto os dois frades lutavam com ela. Ivan cerrou os dentes.

"Levantem-se!", gritou Vonig. Os monges se levantaram em uníssono.

“Esta figura grotesca será exposta ao sol ao amanhecer e, assim, será transformada em pedra.”  
Então, providenciarei o transporte para a Itália — para Cancellò, na Úmbria — para que seja instalado. Junto com ele, enviarei uma carta ao Abade Domingus, instruindo que qualquer Grotesco nascido em seu Um mosteiro será enviado *para cá*. A partir de agora, carregaremos nossos pecados e os de nossos irmãos italianos.”

“Para a casa de banhos”, ordenou Vonig. “Amarrem-na a uma das colunas da piscina e coloquem-na sob vigilância rigorosa até amanhã.” Com um gesto brusco de mão, dispensou os dois monges, que carregaram a grotesca, ainda se debatendo, para fora da igreja. Voltou então sua atenção para os monges: “Como bem sabem, desde que encontramos a grotesca esta manhã, esta união carnal certamente ocorreu em algum momento da noite passada. Se nenhum de vocês a concebeu, eu Espero que cada um de vocês converse com os sacerdotes e escudeiros que servem sob seu comando. Se algum de vocês descobrir quem gerou este Demônio, espero que me informe imediatamente. E não preciso lembrá-los de que esta reunião é exclusiva para Frades do Conselho Inferior. Falar sobre assuntos do Conselho ou mencionar a Pedra do Portal é punível com a morte.” Vonig bateu no púlpito: “Recuperarei minha Abadia! Agora, saiam da minha vista!” Em uníssono, os Frades do Conselho se viraram e seguiram em direção à porta. Dito isso, o Abade baixou a cabeça e esfregou a têmpora.

Por último na fila, Ivan passou pela porta quando Vonig o chamou: “Frei Ivan!”  
Ivan enrijeceu e virou-se lentamente, com o coração na boca.

“Sim, Abade?”

“Você deseja confessar algo?” Os momentos pareciam durar dias.

“Não, Abbot.”

“Sério?” Mais dias se passaram.

Vonig perguntou novamente: “Você nega que haja um rato em suas catacumbas?”

“Um rato?”

“Não matará?”, perguntou Vonig pela terceira vez, com um sorriso cansado surgindo em seu rosto.

“Se ao menos meus monges enxergassem seu dever com a mesma clareza que seu abençoado escudeiro das catacumbas.”

“Sim, Abade”, respondeu Ivan.

“Preciso visitar o menino novamente *em breve* — Lázaro, não é?”

“É o nome dele.”

“Como está o seu bem-estar?”

“Ele é saudável e ativo; pontual e generoso com a oração e a penitência; não lhe falta nada”, disse Ivan, dando de ombros.

Como está se saindo Lázaro com as tarefas que você lhe atribuiu? Ele precisa de mais ajuda lá embaixo ? Talvez mais um ou dois escudeiros para auxiliá-lo — em dias mais exigentes? Se sim, eu

pode fazer os turnos de trabalho necessários."

"Não poderia pedir ninguém melhor para me auxiliar nas tarefas das catacumbas do que o Escudeiro Lázaro e o Frei Odino. Nós três somos mais do que suficientes para todas as tarefas designadas, Abade."

"Que pena... a situação dele. Coitado do menino", acrescentou Vonig, balançando a cabeça.

Respirou fundo e, ao se despedir, ofereceu a Ivan um conselho bíblico: *"Em verdade... sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes."*

"Sim, Abade."

Eles examinaram os olhos uns dos outros.

Vonig se virou e inspecionou o interior da catedral, encarando exatamente na direção da grotesca viva recém-descoberta. Sua testa se contraiu e ele cerrou os dentes. "Pode ir."

Ivan fez uma reverência e saiu apressadamente da catedral, com o coração pesado pelo pecado recém-descoberto.

[Fim do Capítulo 3]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

## Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~